Dia 4 — São Carlos Borromeu, Cardeal e Arcebispo de Milão

Martirológio Romano

São Carlos Borromeu, em Milão, cardeal e bispo desta cidade; o qual, esclarecido em santidade e milagres, foi canonizado por Paulo V. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

Os santos mártires Vidal e Agrícola, em Bolonha: o primeiro, sendo escravo do segundo, chegou depois a ser companheiro seu no martírio; atormentaram-no os perseguidores com tal crueldade que em todo o seu corpo não se achava parte sã; o que sofreu com a maior constância e, posto em oração, entregou sua alma a Deus. A Agrícola deram a morte encravado numa cruz com muitíssimos cravos. Santo Ambrósio, que se achou presente à trasladação destes Santos, refere que recolheu os cravos, o sangue vencedor e a cruz, e o colocou tudo debaixo do sagrado altar. (O citado Santo Ambrósio nos informa de que Agrícola era um cavaleiro de Bolonha e de que Vidal, seu escravo, aprendeu dele a religião cristã e recebeu primeiro a coroa, porque para Cristo não há diferença na condição de servo nem de senhor. Ambos foram presos provavelmente no ano de 304. O castigo de Agrícola foi dilatado por uma cruel compaixão, para ver se a vista dos tormentos do servo o fazia mudar de resolução; mas, longe disso, ficou mais animado com o exemplo. Então toda a compaixão do povo e dos juízes converteu-se em furor, e o corpo do Mártir, encravado numa cruz, foi tão ferido e penetrado de inumeráveis cravos que o número de suas feridas excedeu em muito ao de seus membros. Os corpos dos Mártires foram colocados no lugar da sepultura dos judeus. Fugindo Santo Ambrósio das mãos do tirano Eugênio, entrou em Bolonha no ano de 393 e ali descobriu estas relíquias. Juliana, devota viúva de Florença, convidou-o a dedicar uma igreja que havia fundado naquela cidade e lhe pediu este tesouro, o que não teve arbítrio de negar-lhe uma parte delas, e cujo valor ponderou muito ele mesmo às três filhas de Juliana, mandando-lhes que o recebessem com respeito, como presente de salvação. Butler.)

O martírio dos santos Filólogo e Patrobas, discípulos do apóstolo São Paulo.

São Próculo, mártir, em Autun.

São Claro (ou Clarenço), presbítero e mártir, em território de Vexin, na França. (Morreu mártir da castidade no ano 894, tendo-o assassinado dois rufiões pagos por uma prostituta que não pôde conseguir que o Santo consentisse em seus torpes desejos. Seu culto tem sido célebre na França, e a ermida onde foi enterrado é ainda lugar a que acodem muitos peregrinos e que tem sido glorificado pelo Senhor com muitos milagres.)

São Porfírio, mártir, em Éfeso, no tempo do imperador Aureliano. Os santos mártires Nicanor, bispo, e Hermas, presbítero, em Mira da Lícia, sendo presidente Libânio.

A memória preciosa de São Próculo, presbítero de Alexandria, no mesmo dia; o qual foi muito versado nas santas Escrituras e de vida muito inocente e própria de um filósofo cristão; no tempo dos imperadores Caro e Diocleciano, governando Teonas a igreja de Alexandria, ensinou ao povo com muito fruto e escreveu vários tratados; finalmente, logo que cessou a perseguição, foi-se a Roma, onde acabou em paz o resto de sua vida (pelos anos de 287). Santo Amâncio, bispo, em Rodez, na França, cuja vida foi gloriosa em santidade e milagres.

São Joanício, abade, na Bitínia. (Era natural da Bitínia, filho de pais pobres, e passou os primeiros anos guardando porcos; depois entrou nas companhias de guardas do imperador de Constantinopla e, como se distinguisse por sua bela presença e assombrosa intrepidez, obteve distinções e recomendações; mas se havia deixado levar da torrente daqueles tempos e era um violento perseguidor das imagens. Com a conversão e trato de um monge conheceu seu erro e, tocado então de compunção, passou seis anos em jejuns e penitência. Por fim, à idade de quarenta anos deixou o serviço e retirou-se ao monte Olimpo, na Bitínia. Doze anos depois tomou o hábito religioso no mosteiro de Eristi. O dom de milagres e o de profecia o fizeram tão célebre no Oriente que acudiam a vê-lo dos lugares mais distantes. Defendeu com zelo o culto das santas imagens e contribuiu em grande maneira a que a imperatriz Teodora proscrevesse aquele erro. Chegou à idade de cento e seis anos e morreu no de 845. São Joanício é um dos Santos mais célebres da Igreja grega. Butler.)

Santo Emérico, confessor, filho de Santo Estêvão, rei dos húngaros, em Alba Régia, na Hungria. (Desde menino deu já provas da maior santidade. Crescendo na virtude e perfeição, ofereceu a Deus sua virgindade; mas, não querendo descobrir o segredo nem ainda a seu próprio pai, consentiu por fim em casar-se com uma donzela de sangue real, tão formosa como honesta e digna certamente de tão santo esposo, pois consentiu também, na noite das bodas, em guardar virgindade e em viver como irmãos. Sendo a vida do santo Príncipe mais digna do céu que da terra, o Senhor a cortou na flor de sua idade e o trasladou a outro reino mais seguro e perpétuo, ilustrando logo seu sepulcro com muitos e grandes milagres. Bento VIII o canonizou com Santo Estêvão, seu pai.)

São Pedro de Valois, fundador da Ordem da Santíssima Trindade, redenção de cativos, no mosteiro de Cerfroid, diocese de Meaux; sua festa se celebra no dia 20 deste mês por decreto de Inocêncio XI. (Veja-se sua história no dito dia.)

Santa Modesta, virgem, em Tréveris. (Foi natural desta cidade e consagrou toda a sua vida a Jesus Cristo. O Senhor a favoreceu com divinas revelações e morreu santamente em sua mesma pátria

no ano de 680. Seu corpo foi sepultado na igreja principal da dita cidade, e seu sepulcro glorioso em milagres.)

São Carlos Borromeu, Cardeal e Arcebispo de Milão

São Carlos, da ilustre família dos Borromeus, nasceu no castelo de Arona no dia 2 de outubro do ano 1538, sendo sumo pontífice Paulo III e imperador Carlos V, que se havia apoderado do Milanês. Na noite em que nasceu, os soldados que faziam a sentinela viram iluminado todo o castelo com uma resplandecente luz, dando o céu a entender o resplendor de santidade que algum dia havia de derramar aquele menino recém-nascido em toda a Igreja de Deus, que desde sua mais terna infância o preveniu com todas as bênçãos de doçura. Fugia cuidadosamente da companhia daqueles meninos em quem notava estouvamento nas ações ou imodéstia nas palavras, gostando de estar só, e se divertia em fazer altares, adorná-los e remedar as cerimônias da Igreja, com cujas ações manifestou sua inclinação ao estado eclesiástico; e, tendo-lhe sido conferida a primeira tonsura, logrou quanto desejava seu devoto coração. Um tio seu, chamado Júlio César Borromeu, renunciou nele a abadia de São Gratiniano e São Felino. Logo advertiu o menino a seu pai que aquelas rendas não se podiam empregar na manutenção da casa; e, deixando-se ao mesmo menino a administração, separou delas o que bastava para seu moderado sustento, aplicando o demais para o adorno de sua igreja e para o alívio dos pobres. Enviaram-no a Pávia para acabar seus estudos e, ainda que reinava muita desordem naquela cidade, Carlos soube adiantar-se nas letras sem prejuízo da virtude. Conhecendo quão infeccionado estava o ar daquele povo, evitou a infecção com a oração, com a penitência e com a frequência dos Sacramentos. Recorreu àquela que se chama Virgem por excelência; pôs em suas mãos o tesouro de sua virgindade; escolheu-a por mãe sua, por sua protetora e por sua advogada. Não acrescentarei que não o enganou sua confiança, porque a ninguém enganou jamais a que se coloca nesta divina Mãe, que levou em seu ventre a Sabedoria encarnada. Foi-lhe muito necessária a proteção desta Rainha das Virgens: armaram-se ciladas a sua fidelidade; mas o fogo da tentação só serviu para purificar mais o ouro de sua virginal inteireza. Tendo sido criado papa o cardeal de Médici, seu tio, com o nome de Pio IV, chamou-o a Roma, onde, com o chapéu de cardeal, o fez arcebispo de Milão e lhe encarregou a principal administração dos negócios, que desempenhou com a maior integridade, solicitando sobretudo a conclusão do concílio de Trento. Vivia em Roma com esplendor, mas pensando algumas vezes em retirar-se. A morte de seu irmão mais velho o determinou, enfim, a mudar de vida. Reformou-se segundo as constituições do Concílio e Deus, que nunca se deixa vencer em liberalidade, comunicou-se a seu servo com particulares dons, dando-lhe na oração certas efusões e transbordamentos de amor que o enterneciam. Quis retirar-se dos negócios públicos para entregar-se com maior liberdade à oração; mas dissuadiu-o D. Frei Bartolomeu dos Mártires, arcebispo de Braga, dizendo-lhe que um verdadeiro cardeal devia ser ativo, esforçado e laborioso, sendo conveniente pôr à vista do mundo o exemplo de um sobrinho do Papa que se empenhava mais na glória da Esposa de Jesus Cristo que na grandeza de sua casa: rendeu-se o Santo e

prosseguiu trabalhando como antes. Era arcebispo de Milão; mas, como o Papa o detinha em Roma junto de sua pessoa, enviou a Milão o célebre Nicolau Ormaneto e ele se ensaiou em pregar para habilitar-se a exercitar este ministério por si mesmo. Obteve de seu tio licença para retirar-se à sua igreja, onde foi magnificamente recebido. Pregou no domingo seguinte e, ainda que não fosse fácil eloquência, como era santo e era bispo, sua santidade movia os corações, e a força do espírito pastoral dava peso às palavras. Convocou um concílio provincial; arrumou nele o que tocava à vida dos bispos, dos sacerdotes, governo das paróquias, administração dos Sacramentos, com alguns decretos acerca das religiosas. Era coisa tão nova em Milão ver um cardeal na flor de seus anos no púlpito com frequência, administrar os Sacramentos e estender-se a todas as dimensões para desempenhar todos os pontos da dignidade episcopal, que de todas as partes concorriam a vê-lo. Estendida a fama por toda a Itália, chegou aos ouvidos do Papa. Renunciou o Cardeal todos os benefícios que tinha. Empreendeu a visita dos Vales no país dos suíços, sofrendo a fome, a sede e todas as injúrias do tempo. Era sua comida e sua bebida a salvação das almas, e por isso lhe eram suportáveis todos os trabalhos. O zelo lhe infundia ligeireza de cervo para trepar os rochedos mais escarpados e para buscar entre os precipícios alguma ovelha desgarrada do aprisco. Às rebeldes as tratava com doçura; compadecia-se ternamente de seu descaminho, mostrava-lhes tal amor que lhes sanava a desconfiança; esta as obrigava a franquear-lhe o coração; uma vez franqueado este, as insinuações da caridade pastoral, juntas à graça de Jesus Cristo, as arrancavam do erro. A quantos não tirou dos desvarios da heresia? A quantos não chamou à admirável luz da fé, retirando-os da região das trevas e da sombra da morte? Não se fartavam de vê-lo, seguindo-o de aldeia em aldeia e de choça em choça. Era bom odor de Jesus Cristo, e os povos corriam atrás da fragrância que exalava sua santidade. Estabeleceu uma ordem admirável na catedral de Milão. A devoção dos eclesiásticos, a magnificência dos ornamentos e o esplendor nas cerimônias eram um espetáculo que verdadeiramente suspendia. Ergueu muitos seminários e fundou um colégio para a nobreza, cujos edifícios são soberbos e cujos estatutos caracterizam a prudência do santo Fundador. Introduziu em Milão os clérigos Teatinos ou de São Caetano, a quem estimava singularmente por sua pobreza e por sua confiança em Deus. Antes havia introduzido os Padres da Companhia de Jesus e fundou uma congregação de clérigos seculares, livres de toda sorte de votos e somente dependentes dele como de sua primeira cabeça, para empregá-los a seu arbítrio onde o pedisse a necessidade do arcebispado. Chamou a esta congregação dos Oblatos de Santo Ambrósio, pondo-a sob a proteção da santíssima Virgem e do santo Doutor. Instituiu outros muitos piedosos grêmios muito úteis a sua igreja, desafogando-se e como que desenvolvendo-se sua caridade nestes estabelecimentos; centelhas do divino amor que abrasava seu coração e tesouros escondidos com que enriquecia sua Esposa. Reformou a Ordem dos Franciscanos e dos Humilhados. Por ocasião da reforma dos segundos sucedeu um portento singular. Foi assalariado um assassino para que tirasse a vida ao santo Reformador. Entrou o assassino na capela, onde o Cardeal estava rezando com sua família, e disparou-lhe um mosquetaço quase a boca de canhão, cuja bala, conduzida pelo demônio, chegou à carne e na superfície dela a achatou o Anjo tutelar da diocese; penetrou mantelete, roquete e vestidos até o mesmo cútis, onde se deteve como respeitando-o; mas o santo Cardeal, imóvel e sereno, como se nada tivesse sucedido, prosseguiu rezando com o maior sossego. Ao ruído do assassinato concorreu ao palácio toda a cidade. O governador e o senado lhe asseguraram que fariam justiça logo que se descobrisse o réu. Logrou-se prendê-lo, e o Santo não deixou pedra por mover para que se lhe perdoasse a vida; mas, apesar de suas caritativas instâncias, foi castigado como merecia, e o Papa aboliu a Ordem dos

Humilhados. Afligiu Deus a cidade de Milão com o açoite da peste. Fez São Carlos prodígios de caridade. Aconselharam-no que se retirasse a algum lugar são para conservar uma vida que era tão necessária a toda a diocese; mas o Santo não deu ouvidos a semelhante conselho, horrorizando-o mais que a morte a falta de caridade: vítima desta virtude, olhava a morte como coroa sua. Parecia que a caridade o multiplicava em muitos: padecendo suas ovelhas, padecia em todas elas como bom pastor. Dia e noite andava pelas ruas levando a todas as partes palavras de paz, de confiança e de amor. Sua presença suavizava as dores. Retratada em seu semblante a alegria dos Santos, desprendia-se de sua boca o consolo do Senhor, pelo que a gente não se saciava de vê-lo. Ele mesmo administrou o Viático a um de seus curas que morreu ferido da peste, a qual não tocou o Santo, servindo-lhe de preservativo sua mesma caridade: asilo que não acerta a violar o mal mais contagioso. Desfazia-se em penitências, como se aquela pública calamidade do rebanho fosse castigo pelas culpas do Pastor. Quantas vezes se ofereceu a Deus para que descarregasse só nele o peso de sua cólera! Para aplacá-la instituiu procissões gerais, mas que não fez nelas! Não é possível explicar o que executou visitando as paróquias de sua diocese enquanto durou este açoite do céu. Estava em contínuo movimento, dormia pouco e comia a cavalo por não perder tempo. Logrou naquele tempo uma abundante colheita, até que, compadecida a divina piedade do Pastor e do rebanho, levantou a mão do castigo, restituiu a serenidade e admitiu o sacrifício de seu amor. Escreveram-lhe mil felicitações de todas as partes e recebeu cartas cheias de elogios escritas pelos maiores príncipes da corte romana; mas nada alterou a modesta humildade de seu coração, como quem conhecia muito bem a verdadeira origem de todas as graças e estava perfeitamente instruído de suas obrigações. Respondeu que naquilo não havia feito mais que cumprir com a obrigação de bispo, tendo presente a doutrina de Jesus Cristo, segundo a qual o pastor deve dar a vida por suas ovelhas; sacrifício indispensável em quem está encarregado de guardar o rebanho de Jesus Cristo. Viveu outros sete anos depois que cessou a peste, trabalhando na salvação de sua diocese e de toda a província de Milão com infatigável cuidado e com uma vigilância pastoral que nunca reconheceu fraqueza nem desalento. Dizia que o bispo demasiadamente cuidadoso de sua saúde não podia cumprir bem seu encargo, acrescentando que a um bispo, como ele quer, nunca pode faltar que trabalhar; pelo que repreendeu severamente a certo prelado que lhe escreveu que se achava sem ter que fazer: respondeu-lhe que não acertava a conceber como podia estar desocupado o que tinha sobre si o cuidado de uma diocese. Aconselhando a residência a um cardeal e desculpando-se este com a reduzida extensão de seu bispado, replicou-lhe o Santo que uma só alma merecia a presença de seu bispo, por elevada que fosse sua dignidade. Para recolher-se melhor alguns dias, retirou-se o santo Arcebispo ao monte Varallo, onde fez uns exercícios, sendo seu diretor o P. Adorno, jesuíta, que foi seu confessor por muitos anos e lhe mereceu a mais estreita confiança. Fê-los com extraordinário fervor, como quem pressentia que lhe haviam de servir de preparação para a morte. Suas orações, suas penitências e seus jejuns renderam as forças do corpo. Caiu doente; mas dissimulou a primeira febre; à segunda descobriu-se com o P. Adorno, que moderou as orações, mortificações e vigílias. Continuando a febre, restituiu-se a Milão, onde se lhe redobrou a febre. Avisaram os médicos ao P. Adorno que não havia que perder tempo e que era preciso intimar ao Cardeal que se dispusesse para morrer: notícia que não sobressaltou a um homem que havia vivido tão santamente e acabava de lavar, por meio de uma confissão geral, as menores manchas no sangue do Cordeiro. Pediu o santo Viático, trouxeram-lho; mas com que devoção o recebeu! Quais foram seus amorosos deliquios à vista do Deus de sua salvação, daquele Deus que, ao

consumar o amor que nos tem, quer ser o Deus das graças antes de exercer o ofício de Juiz dos homens! Depois que recebeu o pão celestial administrou-se-lhe a Extrema-Unção; e, porque sempre havia desejado morrer como penitente, estenderam-no sobre um cilício coberto de cinza bendita. Neste aparato de penitência entrou numa apacível agonia, que durou algumas horas, e depois foi receber no céu o prêmio de seus trabalhos aos quarenta e sete anos de sua idade, em que havia entrado um mês antes, no sábado 3 de novembro de 1584. Publicada em Milão a notícia de sua morte, cada um acreditou haver perdido seu pai no pai comum de todos, julgando que ainda devia estar o Senhor muito irritado contra aquele povo, pois o privava de um bispo tão santo no melhor de sua idade. Fizeram-se-lhe magníficos funerais, celebrando a missa do enterro o cardeal Sfondrati, bispo de Cremona, e pregando o P. Panigarola a oração fúnebre, que muitas vezes interromperam ou, por melhor dizer, continuaram com maior eloquência as lágrimas do auditório. Glorificou o Senhor o santo Cardeal com tantos milagres que em breve tempo seu sepulcro se viu rodeado de votos; ao ruído dos quais e à fama de suas virtudes o canonizou primeiro a voz do povo, e esta, enfim, obrigou o papa Paulo V a pô-lo no catálogo dos Santos no dia 1º de novembro do ano 1601, mandando que se celebrasse sua festa no dia 4 do mesmo mês. Logo que o papa Gregório XIII teve notícia de sua morte, exclamou: *Apagou-se a luminária de Israel.*

Missa (oração)

A missa é em honra de São Carlos, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Ecclesiam tuam, Domine, sancti Caroli, confessoris tui atque pontificis, continua protectione custodi: ut sicut illum pastoralis sollicitudo gloriosum reddidit, ita nos ejus intercessio in tuo semper faciat amore ferventes. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Conservai, Senhor, vossa Igreja mediante a contínua proteção de São Carlos, vosso confessor e pontífice, para que, assim como o cuidado que teve de seu rebanho o cumulou de glória, assim também nos faça a nós, cada dia mais fervorosos em vosso amor, sua poderosa intercessão. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 44 e 45 do Eclesiástico.

Eclesiástico 44,16-27; 45,3-20

>

> **Latim:** [16] Enoch placuit Deo, et translatus est in paradisum, ut det gentibus pœnitentiam. [17] Noë inventus est perfectus, justus, et in tempore iracundiæ factus est reconciliatio. [18] Ideo dimissum est reliquum terræ, cum factum est diluvium. [19] Testamenta sæculi posita sunt apud illum, ne deleri possit diluvio omnis caro. [20] Abraham magnus pater multitudinis gentium, et non est inventus similis illi in gloria : qui conservavit legem Excelsi, et fuit in testamento cum illo. [21] In carne ejus stare fecit testamentum, et in tentatione inventus est fidelis. [22] Ideo jurejurando dedit illi gloriam in gente sua, crescere illum quasi terræ cumulum, [23] et ut stellas exaltare semen ejus, et hæreditare illos a mari usque ad mare, et a flumine usque ad terminos terræ. [24] Et in Isaac eodem modo fecit, propter Abraham patrem ejus. [25] Benedictionem omnium gentium dedit illi Dominus, et testamentum confirmavit super caput Jacob. [26] Agnovit eum in benedictionibus suis, et dedit illi hæreditatem, et divisit illi partem in tribubus duodecim. [27] Et conservavit illi homines misericordiæ, invenientes gratiam in oculis omnis carnis. [3] Glorificavit illum in conspectu regum, et jussit illi coram populo suo, et ostendit illi gloriam suam. [4] In fide et lenitate ipsius sanctum fecit illum, et elegit eum ex omni carne. [5] Audivit enim eum, et vocem ipsius, et induxit illum in nubem. [6] Et dedit illi coram præcepta, et legem vitæ et disciplinæ, docere Jacob testamentum suum, et judicia sua Israël. [7] Excelsum fecit Aaron fratrem ejus, et similem sibi, de tribu Levi. [8] Statuit ei testamentum æternum, et dedit illi sacerdotium gentis, et beatificavit illum in gloria : [9] et circumcinxit eum zona gloriæ, et induit eum stolam gloriæ, et coronavit eum in vasis virtutis. [10] Circumpedes, et femoralia, et humerale posuit ei : et cinxit illum tintinnabulis aureis plurimis in gyro : [11] dare sonitum in incessu suo, auditum facere sonitum in templo in memoriam filiis gentis suæ. [12] Stolam sanctam auro, et hyacintho, et purpura, opus textile viri sapientis, judicio et veritate prædiți : [13] torto cocco opus artificis gemmis pretiosis figuratis in ligatura auri, et opere lapidarii sculptis, in memoriam secundum numerum tribuum Israël. [14] Corona aurea super mitram ejus expressa signo sanctitatis, et gloria honoris : opus virtutis, et desideria oculorum ornata. [15] Sic pulchra ante ipsum non fuerunt talia usque ad originem. [16] Non est indutus illa alienigena aliquis, sed tantum filii ipsius soli, et nepotes ejus per omne tempus. [17] Sacrificia ipsius consumpta sunt igne quotidie. [18] Complevit Moyses manus ejus, et unxit illum oleo sancto. [19] Factum est illi in testamentum æternum, et semini ejus, sicut dies cæli, fungi sacerdotio, et habere laudem, et glorificare populum suum in nomine ejus. [20] Ipsum elegit ab omni vivente, offerre sacrificium Deo, incensum, et bonum odorem, in memoriam placare pro populo suo :

Português: [16] Henoc agradou a Deus, e foi trasladado ao Paraíso, para exortar as nações à penitência. [17] Noé foi achado perfeito, justo, e no tempo da ira veio a ser a reconciliação dos homens. [18] Por isso foram deixadas umas relíquias déles sobre a terra, quando veio o dilúvio. [19] Com êle foi feito o pacto eterno, que não pudesse ser destruída por outro dilúvio tôda a carne. [20] O grande Abraão foi o pai da multidão das nações e não se achou outro semelhante a êle em glória, o

qual guardou a lei do Excelso, e com êle se pôs em aliança. [21] Em sua carne ratificou esta aliança, e êle na tentação foi achado fiel. [22] Por isso jurou o Senhor que lhe havia de dar glória em sua família, que êle cresceria como o pó da terra, [23] e que exaltaria a sua descendência como as estrelas, e que êles teriam uma herança de mar a mar, e desde o rio até às extremidades da terra. [24] E com Isaac obrou do mesmo modo por amor de Abraão seu pai. [25] O Senhor lhe deu a bênção de tôdas as nações e confirmou o testamento sôbre a cabeça de Jacó. [26] Reconheceu-o em suas bênçãos, e deu-lhe a herança, e lha repartiu, dividindo-a entre as doze tribos. [27] E conservou-lhe homens de misericórdia, que achassem graça diante dos olhos de tôda a carne. [3] Glorificou-o diante dos reis, e lhe prescreveu ordenações diante do seu povo, e lhe fêz ver a sua glória. [4] Pela sua fé e mansidão o santificou e o escolheu dentre toda a carne. [5] Porque o ouviu a êle, e a sua voz, e o fêz entrar na nuvem. [6] E lhe deu os seus preceitos cara a cara, e a lei da vida e da disciplina para ensinar o seu Testamento a Jacó, e os seus juízos a Israel. [7] Sublimou a seu irmão Aarão, e semelhante a êle da tribo de Levi: [8] Estabeleceu com êle um pacto eterno, e lhe deu o Sacerdócio da Nação: E o fêz bem-aventurado em glória, [9] e o cingiu duma faixa de glória, e o revestiu duma vestidura também de glória, e o coroou com adornos de preciosidade. [10] Pôs-lhe a vestidura talar, e a túnica interior, e o efod, e o cingiu ao redor dum grande número de campainhas de ouro. [11] A fim de repetir o sonido delas quando andasse, para fazer ouvir no templo êste mesmo sonido por modo de advertência aos filhos da sua gente. [12] A vestidura santa, de ouro e de jacinto, e de púrpura, obra tecida, dum varão sábio, dotado de juízo e de verdade: [13] De fio de escarlate torcido, obra de grande artifício, de pedras preciosas gravadas em engaste de ouro, e entalhadas por indústria de lapidário para avivar a memória do número das tribos de Israel. [14] Havia sôbre a sua mitra uma coroa de ouro esculpida com sêlo de santidade, e com glória de honra: Obra de muito primor, e adorno que levava após si os olhos de todos. [15] Trajos tão majestosamente airosos como êstes não houve antes dêle desde o princípio do mundo. [16] Dela se não vestiu pessoa alguma de outra família, mas só únicamente os seus filhos, e os seus netos por todo o decurso das idades. [17] Os seus sacrifícios foram todos os dias consumidos pelo fogo. [18] Moisés lhe sagrou as mãos, e o ungiu dum óleo santo. [19] Foi-lhe concedido a êle, e à sua descendência por um pacto eterno como os dias do Céu, o exercer as funções do sacerdócio, e cantar louvores, e bendizer ao seu povo em seu nome. [20] Êle o escolheu dentre os viventes para oferecer a Deus o sacrifício, o incenso e o bom cheiro, a fim do mesmo Deus se lembrar do seu povo fazendo-o assim propício.

Reflexões

Conferiu-lhe o grande sacerdócio, cumulou-o de felicidade e de glória. Para que fizesse todas as funções com dignidade, cantasse os louvores do Senhor, anunciasse ao povo sua glória em nome dele e oferecesse a Deus incenso digno de sua grandeza em odor de suavidade. Tal deve ser a pureza de costumes, a virtude e a santidade daquele a quem escolheu Deus como a Aarão para o sagrado ministério. Pedia Deus grande inocência e grandes virtudes aos sacerdotes da lei antiga, não obstante que, por assim dizer, não eram mais que figuras dos da nova. Pois qual deverá ser a virtude destes? Qual sua perfeição? Façamos juízo disto pela infinita diferença de sacrifícios entre o antigo e o novo Testamento. Quanta é a santidade, quanto o valor, quanto o infinito mérito da vítima que se oferece no sacrifício da missa! Pois infere daí quanta deve ser a santidade e a pureza

do ministro que a oferece! Mas que afetos de admiração, de amor e de reconhecimento deve excitar em todos os fiéis a memória só deste incompreensível benefício! Que assombro e que respeito à vista desta maravilha! Com que humildade devem comparecer diante desta adorável majestade! Quanta sua ânsia por participar dos sagrados mistérios! Quanta sua respeitosa veneração aos altares! Que respeito a tão augustas cerimônias! Mas qual deve ser a eficácia da fé! Qual a pureza de costumes, a eminente santidade desses ministros do Altíssimo! Desses visíveis mediadores entre Deus e os homens! Desses sacerdotes do Deus vivo, cuja dignidade respeitam as potências da terra, cujo sagrado caráter se faz também respeitável aos mesmos Anjos! Poderão aproximar-se do altar sem sentir-se preocupados de um santo terror? Poderão ter em suas mãos a sagrada hóstia sem experimentar os maravilhosos efeitos de sua divina presença? Saiu Moisés da conversação que teve com Deus no monte com o semblante inflamado, arrojando raios de luz por todas as partes. E poderá sair do altar um sacerdote sem novo fervor, sem nova devoção, sem que se note nele uma virtude mais resplandecente? Assim discorre todo homem de bom juízo instruído nas verdades de nossa Religião; assim discorrem até os iroqueses e os índios logo que estão bem informados de nossos sagrados mistérios. Mas discorrem da mesma maneira todos os Cristãos? Acreditam todos com sua conduta a fé que professam e a ideia que têm deste divino mistério?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus.

Mateus 25,14-23

> **Latim:** [14] Sicut enim homo peregre proficiscens, vocavit servos suos, et tradidit illis bona sua. [15] Et uni dedit quinque talenta, alii autem duo, alii vero unum, unicuique secundum propriam virtutem : et profectus est statim. [16] Abiit autem qui quinque talenta acceperat, et operatus est in eis, et lucratus est alia quinque. [17] Similiter et qui duo acceperat, lucratus est alia duo. [18] Qui autem unum acceperat, abiens fodit in terram, et abscondit pecuniam domini sui. [19] Post multum vero temporis venit dominus servorum illorum, et posuit rationem cum eis. [20] Et accedens qui quinque talenta acceperat, obtulit alia quinque talenta, dicens : Domine, quinque talenta tradidisti mihi, ecce alia quinque superlucratus sum. [21] Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui. [22] Accessit autem et qui duo talenta acceperat, et ait : Domine, duo talenta tradidisti mihi, ecce alia duo lucratus sum. [23] Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui.

Português: [14] Porque assim he como hum homem, que ao ausentar-se para longe, chamou aos seus servos, e lhes entregou os seus bens. [15] E deo a hum cinco talentos, e a outro dous, e a outro deo hum, a cada hum segundo a sua capacidade, e partio logo. [16] O que receberá pois cinco talentos, foi-se, e entrou a negociar com elles, e ganhou outros cinco. [17] Da mesma sorte tambem o que receberá dous, ganhou outros dous. [18] Mas o que havia recebido hum, indo-se com elle, cavou na terra, e escondeu alli o dinheiro de seu senhor. [19] E passando muito tempo, veio o senhor d'aquelles servos, e chamou-os a contas. [20] E chegando-se a elle o que havia recebido os cinco talentos, apresentou-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, tu me entregaste cinco talentos, eis-aqui tens outros cinco mais que lucrei. [21] Seu senhor lhe disse: Muito bem, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor. [22] Da mesma sorte apresentou-se tambem o que havia recebido dous talentos, e disse: Senhor, tu me entregaste dous talentos, eis-aqui tens outros dous, que ganhei com elles. [23] Seu senhor lhe disse: Bem está, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor.

Meditação

Não há condenado que não esteja convencido de que sua condenação é obra de suas mãos

Primeiro ponto

Considera quanto será a dor, a raiva e o desespero de um infeliz condenado quando por toda a eternidade esteja invencivelmente conhecendo que ele mesmo foi o artífice de sua condenação. Se se condenou, foi por sua culpa; se se condenou, foi porque lhe deu vontade de condenar-se; se se condenou, foi porque não quis nem lhe veio à vontade corresponder à Graça. Havia feito Jesus Cristo tudo à custa de sua salvação; não o havia excluído este divino Salvador do benefício da redenção; nasceu, viveu, padeceu e morreu por ele como pelos predestinados; mereceu-lhe e lhe comunicou todos os auxílios suficientes para ser Santo. Esta verdade é do maior consolo para todos os fiéis; mas é de uma desesperada dor para todos os condenados.

Se os tivesse deixado o Senhor na massa da perdição; se não tivesse morrido por eles; se lhes tivesse negado os auxílios absolutamente necessários para salvar-se, nem por isso seria menos funesta sua morte nem menos lastimosa sua desgraça. Mas então todo o seu furor, toda a sua raiva e toda a sua cólera seria contra Deus, que só os havia tirado do nada para perdê-los. Mas que sentirão! Como se enfurecerão! Que ódio tão mortal não terão de si mesmos, sabendo muito bem que aquele Deus era um bom pastor que amava todas as suas ovelhas; que aquele Juiz era um Salvador que havia morrido por eles; que aquele Criador era um bom pai que a nenhum filho negou jamais sua legítima; que somente os criou para pô-la logo em suas mãos; que, além disso, não houve sequer um a quem não lhe tivesse liberalmente concedido algum cabedal para que negociasse com ele e para merecer a salvação que nos adultos só se dá a título de prêmio e de salário! Condenou-se aquele porque não quis escutar a voz de seu bom pastor; porque voluntariamente se apartou do rebanho; porque não lhe deu vontade de voltar ao redil. Se esta

ovelha foi despedaçada, será culpa do pastor ou da ovelha?

Que motivo havia para deixar a casa do melhor de todos os pais e para não querer viver sujeito ao doce jugo de suas leis? Não foi grande extravagância cansar-se de uma vida uniforme e regrada? Sacode-se o jugo de uma lei; não se pode sofrer a dependência; quer-se viver ao capricho de cada um. Não quer Deus violentar-nos, ou porque não lhe agrada o serviço forçado, ou porque respeita (digamo-lo assim) a liberdade que ele mesmo concedeu ao homem. Mas esse infeliz pródigo, distante já da casa de seu pai, encontra bem cedo em sua própria liberdade sua maior desdita, sua ruína e sua perdição. Não há um só condenado que não seja artífice de sua desgraça. Meu Deus, que dor eterna! Que eterno desespero! Ter trabalhado em sua própria perda! Dever a si mesmo sua condenação!

Segundo ponto

Considera que não há Santo no céu que não conheça, que não esteja convencido de que deve sua salvação ao sangue, aos méritos e à graça de Jesus Cristo. Pois quais serão seus amorosos, seus agradecidos afetos a este divino Salvador! Mas tampouco há condenado no inferno que não conheça e não esteja convencido de que este divino Salvador jamais lhe negou sua graça e de que ele, por pura malícia sua, não quis seguir aquela inspiração, obedecer àquele mandamento, privar-se daquele falso gosto que lhe havia de causar a morte, caminhar pelo caminho estreito que conduz os homens à vida. Que furiosos movimentos de ódio, de raiva e desespero contra si mesmo não lhe excitará este claro conhecimento!

Aquele rico que se condenou estará conhecendo por toda a eternidade que em sua mão esteve resgatar com esmolas seus pecados; que teve grandes impulsos; que não lhe faltaram graças nem auxílios e que só lhe faltou a vontade.

Aquela donzela, aquela mulher que se condenou jamais poderá esquecer no inferno tudo o que fez Deus para salvá-la. As boas lições que lhe deram na infância, sua cristã educação, as fortes inspirações que teve, os lances, as desgraças que lhe sucederam, as enfermidades que padeceu, as pesadumes que a sufocaram, tudo o dispunha a divina Providência para que não se perdesse; mas condenou-se porque se quis condenar, e ela mesma estará bem persuadida disso.

Aquela pessoa consagrada ao Senhor e ligada a seu serviço com os mais sagrados vínculos verá eternamente nos infernos (se teve a desgraça de ser precipitada neles) que lhe teria custado muito menos levar uma vida regrada, inocente, regular, no estado eclesiástico ou religioso, que a desbaratada e secular que sempre levou: verá que sua condenação é obra sua; verá que ela mesma se opôs e se endureceu obstinadamente contra os remorsos de sua consciência, contra as luzes da razão e contra todos os impulsos da Graça para perder-se. Oh Deus, que dor, que desespero será o de um eclesiástico, o de um sacerdote, o de um religioso que se condenou!

Representa-te a um homem que num rapto de loucura ou num excesso de embriaguez pôs fogo a sua casa. Que sentirá este infeliz quando, recobrado o juízo e voltando a si, ou do frenesi ou da bebedeira, reconheça que abrasou sua casa por suas mesmas mãos e no incêndio consumiu seus

móveis, seus bens, seus armazéns e tudo quanto tinha no mundo; quando pense que se vê reduzido a mendigar porque quis perder tudo; que lhe sobravam comodidades e que, podendo ser rico neste mundo, por um excesso de loucura lhe deu na cabeça fazer-se miserável, pedinte e desgraçado? Considera bem qual será a dor daquele insensato quando reflita em sua brutalidade. Pois compreende, se podes, que desespero será o de um condenado quando reflita (e o estará eternamente refletindo) que por seu mero capricho se condenou!

Meu Deus, pois me dais tempo para ter previsto aquele desespero, dai-me graça para precavê-lo. Não, meu Deus, não quero perder-me, e estou resolvido a sacrificar tudo, a sofrer tudo e a praticar tudo por salvar-me. Fazei, Senhor, que assim o consiga mediante vossa divina graça e pelos méritos de meu Senhor Jesus Cristo.

Jaculatórias

Conheço, Senhor, meus pecados, arrependo-me deles e perpetuamente os terei na memória para detestá-los. (Sl 50.)

Justo sois, Senhor, ainda quando com mais rigor nos castigais; nem a nós nos resta mais que a confusão e a dor de nos termos perdido só porque nos quisemos perder. (Dn 9.)

Propósitos

1. Ser alguém desgraçado porque lhe sucedeu uma fatalidade que não pôde prevenir é coisa bem triste; mas afinal não pode atribuí-lo a si mesmo, e toda a sua indignação se converte contra a causa de sua desgraça. Mas ser alguém miseravelmente infeliz, eternamente infeliz só porque lhe deu vontade de sê-lo; ser miseravelmente infeliz por uma malícia sua, quando pôde ser eterna e soberanamente ditoso: compreende (se é possível) até onde chega o rigor deste suplício. Se ao menos se lograsse no inferno o consolo de poder apartar de si este pensamento; se ali pudesse alguém persuadir-se de que Jesus Cristo não havia morrido por nós e de que não havia podido obrar de outra maneira; mas no inferno ninguém é herege: conhece-se, vê-se, apalpa-se que a reprovação foi obra de nossas mãos; todos estão convencidos desta verdade. Sabe-se que se podia não resistir à graça; confessa-se que a ninguém faltou a graça suficiente para salvar-se, mas que não se quis usar dela. O atrativo do deleite enganou a vontade, e foi a paixão superior, porque o coração se pôs de acordo com a paixão. Ah, e que de outra maneira se viveria se se meditasse muitas vezes esta verdade! Pensa nela continuamente e, quando é mais violenta a tentação, quando a paixão está mais acesa, pergunta-te a ti mesmo: quero eu condenar-me? Bem posso dar-me este gosto; mas o fruto deste gosto passageiro será o inferno, será o ser infeliz por toda a eternidade. Se determino livremente pecar, livremente admito ser condenado. Não há discurso mais convincente nem consequência mais legítima.

2. Todo pecado mortal hás de considerá-lo como certa espécie de direito particular que adquires para tua reprovação, como um gênero de título que te assegura uma desventurada eternidade.

Quantas piedosas indústrias discorreram os Santos para ter sempre diante dos olhos esta importante verdade! Uns, ao verem-se acometidos das mais fortes tentações, escreviam estas palavras: *Se cometo este pecado, consinto em ser condenado.* Outros, arrimando a mão ou os dedos à chama, perguntavam-se a si mesmos se poderiam viver eternamente entre os ardores sempiternos; e outros, enfim, faziam-se familiar este pensamento e esta verdade tão importante: *Minha salvação será obra de meu Senhor Jesus Cristo; mas minha condenação será obra minha, se tenho a desdita de condenar-me.*

Revision #1
Created 20 November 2026 20:54:22 by Admin
Updated 20 November 2026 20:54:22 by Admin